

tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

de longe

É o primeiro de todos, um que chegou de barco, como tantos outros, provavelmente um “utopista”, seguramente brioso e equipado com livros; ou é o seguinte, mais afogado e com fúria na alma, talvez um “communard”; em todo caso, um perseguido. Já aquele que o sucedeu, que já trazia seu prontuário do país de origem, talvez com nome falso e com apelido, ocioso e munido com “ideias”, da “Ideia”, como eles gostavam de chamar seus princípios, e, então, foi a primeira estrela das antípodas desse hemisfério, e quem sabe se previamente não zanzou por lugares como a costa dalmata, ou a Bessarábia, ou o Egito anglo-francês, ou alguma ilha antilhana, sempre fugindo, expulso ou desterrado, inclusive como recém-egresso, ou fugido de uma prisão, para não dizer de uma fortaleza. E então veio o “maximalista”, que foi, por ofício, organizador de sindicatos ou inimigo de toda organização, talvez vegetariano – muitos o eram – e decidido a

Christian Ferrer é professor na Universidade de Buenos Aires. Contato: cferrer@fibertel.com.ar

enfrentar deuses, amos, patrões, padres, e homens de toga, e os “pela-sacos”, ou seja, os políticos e outras bifurcações do transigir. E para isso fundou jornais e bibliotecas, ou estabeleceu livrarias e escolas racionalistas, ou organizou dissertações e saraus e esquetes filo-dramáticas e, além disso, levou seu evangelho até o último vilarejo habitado da “região argentina” e, na continuação, cruzou as fronteiras – que não reconhecia – e bradou a boa nova no Uruguai e na Bolívia e no Chile; e a seu lado, ou antes dele, também se pôde ouvir uma voz de mulher, não a sufragista, mas uma com arrojo de emancipada, leitora, que pode ter sido operária, costureira, ou chapeleira, ou cigarreira, ou apreciadora do amor livre, ou uma que usou calças em público para incomodar os costumes de uns e outros; e, ademais, chegaram os que ficaram por um pouco – ou semanas, meses, alguns anos –, gente conectada ou que fazia conexões, viajantes ou saltimbancos entre cidades, oradores alguns e outros com novas versões do ideário em excursões de propaganda e proselitismo, e não faltaram os que voltaram por onde vieram para cometer algum ato de loucura; e logo adveio, quase inconcebivelmente, o tempo da epifania, o instante máximo quando foram um bom punhado de organizações importantes, mais ramificações diversas e periódicos como milhares de exemplares e mais e mais afiliados e influentes nas principais cidades que quase podiam tomá-las e revolvê-las; e, tempos depois, já sacudidos por censuras e perseguições e derrotas, houve “expropriadores”, homens urgentes e temerários, ou ousados, ou em arco voltaico com as zonas truculentas, ou bandoleiras, ou irrecuperáveis da cultura popular, pois, nesse país, malandros e foragidos se transfiguram e seguem seu caminho; e por certo que seria impossível não incluir

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

os arrebatados momentâneos, com um quê de românticos de outra época, assim como os meramente incentivados pelas máximas ácratas, imbuídas em sua personalidade e temperamento; e desses, houve muitos que não foram, até o momento, catalogados exaustivamente, terminando onde tenham terminado suas vidas e suas ideias; e, para não ficar pendente, há que se mencionar os cavalos loucos, como os do jogo de xadrez, mas muito distantes de suas casas no tabuleiro – a polícia os levava muito em consideração – e, por sua vez, aos sensatos ou refratários ao sectarismo, que não apenas se despreocuparam em combater o carnaval e o consumo de álcool, como também tentaram mancomunar esforços com as novidades dos tempos, ou com seu ar, ainda que tenha sido vento contrário, e certamente foi pouco o que conseguiram, incluindo quando mudaram de lado em direção a algum efêmero e improvisado yrigoyenista¹, ou rascando num raio bolchevista, ou contentados com o battlismo² da vizinha Banda Oriental, ou aqui, pela eterna sedução do justicialismo peronista; e passados os anos e já minguidas suas hostes, os que se dedicaram a modernizar a doutrina, fazendo amálgamas com certas sociologias e filosofias que se revelaram meio infundadas ou pouco sólidas; e depois foram ficando os que, quase sem esperança, mas com orgulho ou com cabeça dura – sem excluir a desorientação –, não fizeram concessões aos entusiasmos das maiorias; e ainda seria possível enumerar os fulgurantes libertários que outorgaram atrativos às efêmeras, mas constantes, contraculturas que sobreviveram no último meio século; e, por fim, quando da crise de 2001, aqueles que se congregaram momentaneamente ansiando alguma forma de política não-estatista, mesmo que nem sempre a tenham buscado em autores libertários, mas

em decepcionados com as rançosas receitas comunistas, ou em descobridores de multidões desenganadas de seus sempre renovados votos. E, ainda assim, restam alguns. Então estamos no século XIX, no século XX e, agora, num sem-tempo. E não se pode dizer que tenham sido muitos, mas foram os suficientes e necessários ainda que à distância pareçam inconcebíveis, sobrenaturalmente reais. Cisnes negros de seu tempo.

contra e a favor

Há excedentes de vida que não têm legitimidade nem destino. São impossíveis que afloram mesmo quando não há lugar de espera. Comparecem como objeções ao cálculo, à hostilidade e ao desencontro. Às vezes são incursões, ou inaptações, ou tentativas, em todo caso inconformidades, e, de todo modo, o mundo muda por desconforto, capricho ou sobreposição de coisas irresolutas, ajudadas por algum empurrãozinho. Não há roda da história. Há biografias, momentos de descrença, fervores que crepitam e mínguam, desvios no caminho e também canais que vivificam, além de triunfadores e cativos, e antes que se saiba o que ou por quê tudo já está sendo deixado para trás: o que se faça e se diga e se projete e se rememore para sustentar a miragem do presente, sucumbe em imprevisíveis metamorfoses. Sempre é assim. Os que estudam os destaques históricos costumam enunciar marcos, linhas de necessidade, articulações genealógicas, mas não é impossível que certas irrupções que não tenham explicação ainda possam ser explicadas. Não avisam de antemão, ainda que se note o tremor no subsolo. São assombros do tempo. Logo, restam terras

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

calcinadas, testemunhas e, com sorte, um lema que passa de época em época. E também há mortos que voltam da morte. Abandonada, uma casa pode ficar “habitada”. Sobre os demais – os poderosos, as forças políticas, os despossuídos – há mais certeza, porque suas regularidades, no fundo, não se descalibraram desde o tempo em que os anarquistas se meteram na história.

Deles emanava um eflúvio de ajuda recíproca, uma chamada a descomprimir e a não maltratar os sentimentos – ou seja, o amor livre –, e, além disso, o augúrio de um porvir sem dor e, menos ainda, apequenado. Eram palavras confortantes e, um dos tantos gestos de mútuo reconhecimento a que por vezes recorreram, era uma mão entrelaçada à outra e ambas levantadas à altura dos olhos. Mas dos anarquistas também emitia um raio jupiteriano que continha uma só invectiva: acabar com o mecanismo social. Esse mecanismo, sabe-se, associa a produção à produção mesma, a existência de hierarquias simpáticas ou férreas, mas sempre soberbas e apartadas, e prazeres em espaços e tempos previamente estabelecidos; de modo algum apazigua as frustrações afetivas. Era, e continua sendo, uma roda giratória, “kármica”. Aceita-se colocar em votação quem operará a manivela do mecanismo, ou mesmo quem poderia fazê-la girar mais lentamente. Não muito mais. Essa roda, desde tempos remotos, descarna a homens, mulheres, crianças, e o sistema de engrenagens que a compõem substitui impavidamente aquele que cai, ou que é obsoleto por um substituto novo em folha e pronto para o sacrifício como era o anterior. Por isso, o anarquismo proclamava o sonho da cessação do mundo industrial, e não o seu aperfeiçoamento ou a transferência de seu estatuto de propriedade. Não importa que tenham

reunido os trabalhadores em sociedades de socorro mútuo e de luta: pretendiam libertá-los de sua escravidão por completo.

E é curioso que tenham encontrado audiência nesse país, talvez porque quando fizeram sua entrada em cena havia acontecido guerras, campos de degola, expulsão de indígenas de suas terras e repartição delas, envio ao ocaso do modo de vida do *gaucho*, prostituição a granel, e muito lucro extraído à custa dos esforços dos imigrantes. Eram milhares e milhares de saqueados e devastados. Esse era um país difícil por mais que muito cedo se aventasse memorá-lo como uma terra de oportunidades, repleta de gado, grãos e oficinas, ainda que saibamos que em outros lugares, nos quais as matanças eram de nível catastrófico, aconteciam coisas muito piores. Não obstante, os anarquistas parecem não ter deixado rastro. Deixaram marcas, acontecimentos, exemplos, evocações, um pouco de influência e algo parecido com uma lenda política, já quase um enigma.

Alguém disse uma vez que os anarquistas pecam por ter “excesso de razão”. Esse alguém quis dizer que seus ideais (sociedades sem hierarquias, menos produtivistas, mas afeitas a paixões sorridentes desprovidas de constrangimentos hipócritas) eram desejáveis, mas impossíveis. Seria possível afirmar que as ideias anarquistas se tornam “impensáveis” quando vingam a cobiça, o afã de “ascender socialmente” e o temor de desafiar crenças políticas que parecem naturais ou úteis quando regularmente demonstram ser retumbantes fracassos: falsas soluções. Entre as muitas versões que assumiu o anarquismo, ou que lhe foram impingidas – e foram muitas: o inexequível, o espantinho, a intransigência,

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

o voluntarismo, o excessivo, a cabeça de tempestade, o politicamente fantástico, o desejo irrestrito, a quadratura do círculo –, uma delas é a perfuração de muro, ou seja, a passagem ao outro lado da realidade, que é essa mesma só que transfigurada segundo possibilidades existenciais que são evidentes, mas muito difíceis de serem ousadas, e, então, terminou-se vendo no anarquista o excêntrico ou o impetuoso – assunto de prontuário ou um insone – e não ao feiticeiro capaz de vislumbrar nas cidades de sofrimento e desgosto a possibilidade certa de um país imaginado aqui e agora, pois bastava com o que havia à mão e com o instante inverossímil em que as almas se metamorfoseiam por autonegação do que foi adquirido. Não à toa diziam eles que a anarquia era a mais alta expressão da ordem e isso a que chamavam “revolução” era factível, já que a grande besta humana foi digerida por uma mansidão ainda mais monumental, pois o pasto cedo ou tarde se espalha por todos os lados. Mas como era possível postular semelhante ideia? Quem o pode desgarrar-se assim, entre agressão afirmativa e doação ou entrada, e com tal veemência e com que amor? Já ninguém sabe. Mas era o “abc” do transformismo: o aberto com o aberto e no aberto, sem labirintos ou masmorras. Ao menos essa foi a sua marca. O certo é que o anarquismo era o espelho mágico que se negava a confirmar o “tabu da realidade”, a suposta inevitabilidade do mecanismo social, econômico e afetivo que arrasa as vidas e de cada um, incluindo as dos animais, que agora são empurrados ao Apocalipse, entendendo que o corpo humano também porta sua parte animal. “Arrasar” significa que a existência da pessoa é indiferente ao mecanismo. “Arrasar” significa que produzir e adquirir produtos que o mecanismo expelle

é quase o único índice de felicidade que importa. Por fim, “arrasar” significa que colocar em xeque o mecanismo equivale a um desatino, senão a uma traição.

Todas essas propostas contraintuitivas não parecem levar a outra coisa que uma ilusão grandiosa, mas impraticável, somente emersa – e vigente – por conta da inquietação que cedo ou tarde assalta qualquer um, a inquietação de se sentir numa armadilha da qual não há escapatória possível, a não ser pela transfiguração absoluta do estado das coisas. Quem sabe. Há pesares tão poderosos que às vezes criam realidades e, além disso, dos labirintos se sai por cima ou cavando um túnel, nunca avançando à frente. No entanto, outra era a direção das coisas, e essa direção, naquela época, assim como agora, supunha reorganizar modorrentas paisagens, processos laborais, estilos de viver e símbolos em que confiar; não importa se o processo em algum momento arrastou multidões – aos milhões – para fora de regiões autocráticas ou quase medievais para lançá-las sobre espaços forjados pela mina, pela fábrica e pelo dirigismo, ou se passadas várias décadas, essas mesmas multidões foram empurradas de seus receptáculos imperiais apenas para serem impelidas em direção a nacionalismos, a populismos ou a liberaisismos modernizadores que agora formatam países e programam vidas em nome do inevitável, da serpente que morde o próprio rabo: a “História”. Enfim, é o mundo real no qual as forças titânicas instigam as pessoas – e o fazem para valer: sem hesitar – e no qual quem não está escudado por algum organismo legal ou ilegal está radicalmente desprotegido. E, por isso mesmo, os anarquistas tomavam como elementos de ajuste do mecanismo as alternativas políticas que atuavam no âmbito da representação ou que

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

procuravam ingressar nessa cena e até mesmo ocupá-la. E por acaso seria possível outra coisa? E de que serve alguém ser recalcitrante?

antissociais

De acordo com as convenções de nossa época, ao menos as que são proclamadas onde ressoam forte os formadores de opinião, o anarquismo costuma ser embutido no compartimento da “antipolítica”. O conceito – uma imputação, ou seja, uma desqualificação, evidentemente extensível a outras pessoas – tem longa prosápia (era chamada de “antissistema” e, antes ainda, de “antissocial”) e, às vezes, ressurgue com palavras ligeiramente distintas, mas já os bolchevistas, hoje esfumados do mapa, ficaram às turras com os anarquistas, cem anos atrás, diante do seu desprezo pela atividade política, quer dizer, pela conquista do Estado. A espontaneidade e a improvisação pareciam ser contraindicadas. Para quase todos a renúncia libertária significava abdicar da política como serviço oferecido à comunidade de pessoas com consciência de missão, seja por parte de quem ocupasse postos no governo, ou entre os opositores desocupados ou com expectativas de substituir os primeiros. Todavia, é improcedente chamar de “política” ou de “antipolítica” a tradição anarquista. Eles diferenciavam nitidamente o “político” do “social”. A revolução que preconizavam era “social”, o que quer dizer que preferiam uma subversão cultural da forma de viver a qualquer propósito de “tomar o poder” ou de “representação” de vítimas ou de povos inteiros. Sua revolução ideal ocorreria quando até o último dos habitantes do planeta houvesse se transformado num

libertário. Talvez por isso dessem tanta importância ao “dar o exemplo”.

O que estava e está em jogo não é a possibilidade ou a dificuldade de alguma variante da democracia direta (pensemos nos atuais entusiastas das “redes sociais”), nem a necessidade ou não de dirigências e tecnocracias operantes e eficientes que se ocupem em gerir empresas públicas ou privadas em sociedades complexas e dotadas, inclusive, de ciberespaço. Importa coisa distinta: a pertinência ou impertinência de rasgar um tabu específico, de deixar exposto seu mecanismo, como numa autópsia que revele a política como a arte de administrar o estado das coisas em benefício dos donos de quase tudo que existe – menos as sobras –, cuidando para que todos cumpram sua rotina – nas mais ínfimas miudezas – e que ninguém faça mais do que o permitido, ou mais do que possa ser reabsorvido. Ao menos foi essa a tarefa dessacralizadora a que se impuseram os anarquistas. Em todo caso, todo sistema político designa um “exterior” a si mesmo, tolerável e até possível de estimular desde que se faça passar por parceiro ou colaborador que não passa dos limites. Assim é o cenário, conectado com as “revoluções produtivas” de hoje em dia, pois, uma vez terminada a Guerra Fria, chegaram as guerras “econômicas”, e isso parece ser a única coisa que existe no horizonte. De todo modo, essa é a retórica da atualidade.

Os anarquistas desacreditavam que o Estado pudesse satisfazer o que proclamava: a felicidade social pela adequada gestão da coisa pública em função do “bem comum”, pois os interesses e paixões que se condensam nas ordens hierárquicas tendem ao benefício de certas frações e é arbitrado por aqueles que repartem o peixe, e,

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

para isso, foram estabelecidas modalidades de repressão, contenção, tolerância ou condução, como os que existem agora em termos de vigilância e controle, um tanto mais furtivos, e que compelem aos passatempos sistemáticos.

Como esses recursos são insuficientes para que um príncipe ou estadista administre almas, territórios e riquezas em paz, os Estados modernos dispõem de especialistas em medir o sofrimento para trocá-lo por subsídios e auxílios a fim de que ninguém se sinta totalmente de fora. O “Estado”, não um lugar, “equipamento” ou ideal, mas um eletrizador da imaginação piramidal, concêntrica, de ascensão instituidora, que se concebe melhor pelo seu “exterior”, aquilo que deserta ou se evade de suas coordenadas. Ainda que tenha sido muito persistente à obsessão dos anarquistas com os poderes do Estado e, no sentido oposto, à autodeterminação que tanto propagaram, supunham mais que a eliminação de quem estava “em cima”, mas outro modo de se articular e viver. A ideia anarquista era inusitada: eliminar as instituições e práticas que fossem coerentes com a agressividade dos seres humanos, e esses impulsionadores da hostilidade de todos contra todos eram a guerra, o produtivismo, a cobiça, as hierarquias e o déficit de deleites. Era preciso amansar um mundo de cizânia, desgaste e desespero.

As bancadas conservadoras de princípios do século XX diziam que os anarquistas eram “exóticos” e também “maximalistas” que não se conformavam com os saldos do progresso e outras obras de beneficência. A questão é que, para os anarquistas, o âmbito do possível era algo que tomavam sem muito cuidado. Uma coisa é sobreviver em uma terra inóspita e outra muito distinta é aceitá-la como uma realidade inapelável apenas por ser poderosa.

Em seu movimento pendular, o “possibilismo” às vezes toma impulso para um lado ou outro. Há tempos em que se aceita algum risco e certas transgressões são regulamentadas por lei, mas tudo costuma culminar com a reconstituição dos limites calculadamente insuficientes. E, dado que o possível cedo ou tarde volta a ser intolerável, ou mesmo insuportável, não há como ser aceito sem retóricas que permitam tornar o possível aceitável, transformando essa retórica em uma moeda circulante, entre emissores e audiência, pelo tempo em que funcionem certas políticas públicas. Quando já não funcionam, é preciso dar ouvidos a novas ofertas e se altera o ângulo de decepção. Não há antídotos contra esse processo, apenas reconduzir forças e esforços em grupos afins nos quais se possa deixar uma obra e uma marca. Vínculos de confiança de onde não fuja a vida, pois já existem muitos círculos infernais que, no melhor dos casos, incomodam um pouco e, nos piores casos, são constritores. Quanto aos túneis de fuga, podem vir a ser tubulações que reconduzem magma e dejetos a fim de que se recicle, assim como os encarregados da segurança pública induzem à insegurança com o objetivo de reinstalar a paz quebrantada por, no máximo, uma década de trégua. Por sua parte, os curativos aliviam a dor das bolhas, mas não o mecanismo de fricção que as causam.

ninguém é mais que ninguém e ninguém é menos que ninguém

O que resta agora? A centelha remanescente de combates à moda antiga e também um ar de desafio. Somente isso, mas que estranho é. Pois quando poderiam ter vencido?

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

A possibilidade era quase nula. Restam, então, arrastados pela torrente da história argentina, algumas palavras e alguns achados de distintas procedências. Que tenham nomeado “Martín Fierro” uma de suas publicações porque sabiam que aquele *gaucho* havia sido um incorrigível e não um ícone. Que intitularam outros de seus órgãos de divulgação de *El Oprimido*, *El Martillo*, *La Protesta Humana*, *El Ciclón*, *Hierro*, *Cúlmine*, *Reconstruir*, *Utopía*, *La Letra A*. Que fizeram “propaganda emancipadora entre as mulheres”, e isso significava apresentar-lhes o amor livre e promover o impulso sexual além da “procriação consciente”, depois chamada de “planejamento familiar”, sem nunca se interessar pelo sufrágio, por impor quotas femininas, tampouco pela atual compulsão de muitas por atravessar o “teto de cristal” das barricadas machistas. Que se tenham rebatizado com apelidos como Perseguido, Siberiano, Universo, Harmonia, Liberdade, Alvorada da Revolução. Soube que um deles colocou em seus onze filhos e filhas nomes de pedras preciosas. Que eram embarcados em Buenos Aires de volta a seus países de origem apenas para serem reenviados a remotos presídios na África ou na Nova Guiné. Que exigiam do patrão trabalhar nos feriados religiosos ou estatais e que somente se negavam à lida nos 1º de Maio, dia dos “Mártires de Chicago” que, naquele tempo, não era descanso reconhecido pelo Estado argentino. Que certa vez o sindicato dos caldeireiros fez greve porque o patrão de uma empresa colocara seu filho para trabalhar no posto mais básico sem receber salário algum. Que seu jornal mais conhecido teve publicidade de uma conhecida marca de cerveja, e que não hesitaram em perder o anunciante quando denunciaram em suas páginas que a fábrica havia

despedido muitos operários. Que se precavam muito para não erigir estruturas hierárquicas e que, então, se congregavam em “grupos de afinidade”, o que não queria dizer – não exclusivamente – acordos ideológicos ou táticos, mas vínculos de confiança mantidos no tempo. Que nas suas escolas haviam abolido a vivisseção de animais e que levavam as crianças em excursões pela cidade ou pelo campo para ver pássaros e animais. Que foram pioneiros no pensamento anticolonialista, e que assim se manifestaram muitas vezes, como nos casos da ocupação espanhola de Cuba, ou a estadunidense nas ilhas Filipinas, ou nos embates europeus contra os boxers chineses, ou, ainda mais recentemente, na agressão indonésia contra o Timor Leste. Que sempre houve muito mais anarquistas pacíficos e propositivos que os movidos por violências cegas e contraprodutivas. Eram traços diferenciais e, além disso, máximas de um sermão do não-ser, o oposto ao destino manifesto da Argentina que terminou sendo áspero e miserável.

Em todo caso, as ideias libertárias são de difícil digestão na Argentina, onde há muito tempo a autoridade do Estado se transformou em vetor da organização social, o que quer dizer que os habitantes esperam tudo do aparato estatal, enquanto procuram não lhe entregar nada em troca, começando com os impostos à renda que se tira da terra ou do trabalho dos demais. Não obstante, sendo tão poucos, os anarquistas conseguiram fazer muitíssimo em poucos anos: sindicatos, escolas, periódicos, ateneus, comunas vegetarianas, manifestações contra açougues, colocar em debate público a conveniência do nudismo e do culto ao sol, incluindo o preconceito dos companheiros com respeito à virgindade de suas filhas, para não mencionar

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

as centenas de greves, algumas sustentadas por meses e meses. Pouca memória ficou disso tudo que já é quase pasto para paleontólogos. Talvez tenha sido uma forma de pensar a vida que jamais tivesse a possibilidade de escuta duradoura, mas isso não é um problema exclusivo do anarquismo. Tal coisa aconteceu a tantos outros que por um tempo gozaram de popularidade, mas que, começado seu ocaso, ficaram desaparecidos no seu desconcerto. É difícil tomar consciência de que a noite avança, ainda mais para eles que sempre souberam mover-se nas catacumbas e nas margens.

Além disso, no século XX, a Argentina demonstrou que seu sistema político foi capaz de uma vez ou outra absorver matanças de todo tipo, desde as últimas contra os indígenas no norte argentino – com centenas de mortos –, ou das chacinas de anarquistas no sul do país – com milhares de cadáveres –, para não mencionar os exemplos posteriores. Dir-se-ia que aqui há uma fossa comum permanentemente aberta onde descartar as más lembranças.

Ainda que seu tempo fosse outro, como o nosso um dia também será, o anarquismo às vezes insiste. Em contatadas, por vezes em arremetidas, ou em aparições inusuais, aqui e acolá. Nem sequer minoria, necessariamente sócia da maioria, tampouco “destituíntes” que são os “instituíntes” temporários. São somente portadores de incompatibilidades que, de vez em quando, acoplam-se às pessoas, aos grupos ou aos gestos, como riachos que parecem ondular no ar e que dão vigor e desborde a correntes mais caudalosas com que subitamente confluem. Sua mera menção passa a ser chamativa, como aconteceu no 25 de maio de 2010, pela boca da Presidente da

Argentina, na Casa Rosada, quando, em cadeia nacional e ante embaixadores e dignitários estrangeiros, rememorou os anarquistas como lutadores que quiseram iluminar os trabalhadores, numa digressão histórica sobre os ganhos sociais bicentenários.

Um fragmento da história argentina com gosto de vênua dada desde o futuro ao animal extinto, no entendimento de que outros ideais, outros movimentos políticos que tiveram seu esplendor, inclusive alguns governos e até mesmo o poder em algum país, se contraíram tanto que já não vêm à memória. Em todo caso, uma vez reconstituída a autoridade do Estado, e com seu “exterior” neutralizado, é possível ser magnânimo na sua justa medida. Assim, o México cunhou uma moeda em memória ao anarquista Ricardo Flores Magón; na França produziram um selo em homenagem a Pierre-Joseph Proudhon; no Uruguai inscreveram o nome de Élisée Reclus no muro da Universidad de la República Oriental; e até na União Soviética deu-se o nome de Piotr Kropotkin a uma Avenida, a uma estação de metrô e a uma cidade inteira.

Bem, já não estão. Como se mede a influência que deixa uma pessoa ou grupo de afins? É algo tão fugidivo. A fenda, no princípio, é muito pequena. A abertura, somente visível. A ferida, não se sabe o quê, quem, quando e como. Mas ali estão: fenda, abertura e ferida. Nada que tenha sido dito em nome da dor desaparece assim do nada. Há traços libertários em muitos autores e em publicações posteriores ao grande momento desfrutado pelo anarquismo no começo do século XX. Houve entendimentos como o radicalismo yrigoyenista quando foram tirados do poder. Algo do anarquismo resta no mais ínfimo da memória histórica do peronismo, quer dizer,

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

quando não era governo, quando nem prefeituras detinha, quando era apenas perseguido. Às vezes, foi recuperado por sindicalistas, pela tradição de lutas, mais do que pelo conteúdo das demandas. Ainda assim, algo de anárquico pulsa na desconfiança geral dos argentinos com relação aos políticos, herança, talvez, de sucessivos ultrajes.

E há algo de tudo isso no exagero, esse delírio fértil dos argentinos, e no vaivém entre individualismo e comunidade, sempre irresoluto, o gosto pelo “fora da lei”, nem sempre interessante, e a tendência ao queixume e o fugaz arrebatamento, um hábito argentino que costuma sobressaltar o aparato estatal que fareja o perigo. Ademais, a decadência do marxismo abriu-lhes algum espaço, enquanto a ampliação das atuais “sociedades de controle” suscite – um pouco – uma desconfiança não isenta de ideais libertários. Ou talvez se trate simplesmente de uma tradição de pensamento que tem algo de “maná”, de atração antípoda para aqueles que não se conformam, reavivando uma existência que permita estender as forças, não até onde começa a liberdade do outro, mas justamente até os encontros nos quais se potencializem. A prosperidade do mal-estar existencial não depende sempre das oscilações da economia ou da política.

trevos

Quando se quiser compreender por que os escritos libertários não deixaram marca nas subculturas intelectuais desse país, não se deverá recorrer ao amplo predomínio que mantiveram o marxismo político e científico, ou ainda o populismo em suas variadas rotas e combinações, tampouco há que se destacar que as crenças

dos anarquistas mostraram-se incompatíveis com um país que, no fim das contas, era moderadamente conservador, ou ainda, repercutir uma vez mais sobre as campanhas de repressão – tanto as rotineiras quanto as extraordinárias – que foram lançadas sobre eles e que dizimaram a muitos. São motivos de peso, mas ainda mais significativa é a ausência nos pertences bibliográficos dos homens de ideias argentinos – e na de seus leitores – da atenção dolorida e espantada às obras de livres-pensadores sem partidos políticos como Lewis Mumford, George Orwell e Albert Camus, para nomear apenas três folhas do trevo, que não passou despercebida, mas que ninguém tatuou na testa. Se pensarmos nas centenas de autores e livros que essas subculturas consumiram em seu momento e que logo foram parar nos ossuários dos sebos, ou dos que são lidos hoje como supostos reveladores de chaves da política, da geopolítica e do próximo porvir – e que tampouco ninguém consultará amanhã –, mais pronunciada se faz a falta de um contrapeso.

Tanto materialismo terreno que terminou se remontando nas nuvens e tanto sal ático que o tempo e os acontecimentos dissolveram quase em um átimo quando houve gente com opiniões insubornáveis, sobretudo não-orgânicas, não atadas às ideologias do momento. Esses homens – Mumford, Orwell, Camus – foram vozes de alerta na defesa do pensamento independente em tempos liberticidas e foram a companhia e a interlocução dos anarquistas em assuntos que deixaram para trás vítimas e mortos contados às dezenas de milhões: a tecnificação acelerada, a deriva assassina dos grande impérios do século e também a de seus satélites, as tomadas de posição a favor de movimentos de libertação cujas castas dirigentes

Tabu da realidade: mecanismo técnico e malta negra

já afiavam o facão para lançarem-se uns contra os outros uma vez que as autoridades coloniais abandonassem os territórios ocupados, para não mencionar tantos outros acontecimentos da Guerra Fria já intumescidos em um iceberg que agora flutua à deriva na memória de ninguém. Foram eles os que tinham razão. E não apenas eles: houve mais, muitíssimos mais, porque em todo campo há insuspeitas variações, trevos de quatro folhas.

Tradução do espanhol por Thiago Rodrigues.

Notas

¹ Referência a Hipólito Yrigoyen (1852-1933), político argentino que foi Presidente da República duas vezes (entre 1916-1922 e 1928-1930). Foi um dos fundadores da Unión Cívica Radical, ainda no começo do século XX, e introduziu medidas de proteção trabalhista em tempos de grande atividade anarcossindicalista. Foi durante o seu primeiro governo que houve os massacres de anarquistas na província de Santa Cruz, entre 1920 e 1921, no episódio conhecido como Patagônia Rebelde. Sob as ordens de Yrigoyen, o exército reprimiu a greve culminando no fuzilamento de aproximadamente 1500 operários (N. T.).

² O autor faz menção a José Battle y Ordóñez (1856-1929), Presidente do Uruguai por duas vezes (1903-1907 e 1911-1915). Durante seu segundo mandato aprovou medidas de proteção aos trabalhadores como aposentadoria, licença maternidade e proibição do trabalho infantil, além da estatização de serviços públicos (N. T.).

Resumo

Nesse ensaio, o autor analisa o legado anarquista na Argentina, argumentando que, apesar da quase impossibilidade histórica de triunfo em termos de uma ampla revolução, suas práticas produziram concretas experiências políticas e de estilo de vida que deixaram algumas marcas duradouras na imaginação social. Em adição, a marca negra do anarquismo ainda emerge quando confluências de lutas e resistências aparecem, revelando o incontível impulso rebelde que permanece sob as estruturas políticas, sociais e econômicas.

Palavras-chave: anarquismo, Argentina, revolta.

Abstract

On this essay the author analyze the anarchist's legacy in Argentina, arguing that besides the nearly impossibility of historical success in terms of a comprehensive revolutionary process, their practices produced concrete political and life-style experiences that have left some lasting marks on the social imagination. In addition, the anarchist black mark still emerges when confluences of struggle and resistance appears, revealing the unstoppable rebel impulse that lies below the political, social and economical structures.

Keywords: anarchism, Argentina, revolt.

Taboo of reality: technical mechanism and the black gang, Christian Ferrer.

Recebido em 15 de dezembro de 2014. Confirmado para publicação em 20 de março de 2015.